



## **Trem Cineclube - Mostra Caminhos da Narrativa**

*Júlia Mendes MONTEIRO*

*Caio Victor Pizano VIEIRA*

*Elisa Gutierrez CORRÊA*

*Gabrielle Lopes ALVES*

*Isabela Loures Grippe VIANA*

*Júlia Andrade LAKTIN*

*Larissa Oliveira SOARES*

*Letícia Bonoto CORRÊA*

*Letícia Raposo Rezende PINTO*

*Luan Carlos Esteves de OLIVEIRA*

*Rafael Carvalho DILLY*

*Centro Universitário Academia, Juiz de Fora, MG*

*Mauro Lucio Araujo PIANTA*

*Centro Universitário Academia, Juiz de Fora, MG*

*Linha de Pesquisa: Análise da Imagem e do Som*

### **RESUMO**

Como forma de registrar acontecimentos ou de narrar histórias, o Cinema é uma arte que geralmente se denomina a sétima arte, desde a publicação do Manifesto das Sete Artes pelo teórico italiano Ricciotto Canudo em 1911. O Trem Cineclube traz a proposta de um espaço dinâmico onde entusiastas do cinema se reúnem para explorar a sétima arte. Na mostra de 2024, 'Caminhos da Narrativa', exploramos as principais estruturas de roteiro segundo Robert McKee, autor de 'Story'. Apresentamos filmes de arquitrâma, com narrativas clássicas; minitrâma, voltadas ao psicológico dos personagens; antitrâma, que desafia o realismo; e a multitrâma, que une várias narrativas em um só filme.

**Palavras-Chave:** Cinema; Ficção; Arte; Narrativa; Comunicação.

## 1 INTRODUÇÃO

O cineclube é um espaço dinâmico em que os estudantes apaixonados e entusiastas por cinema se reúnem para explorar e celebrar a sétima arte. Nesse ambiente, a paixão pela cinematografia se transforma em debates, sessões de exibição e uma troca constante de ideias entre os membros. O cineclube não é apenas um espaço de entretenimento, mas também uma comunidade que fomenta a apreciação crítica, a expressão artística e a construção de laços entre os estudantes de comunicação, unidos pelo cinema.

A história do movimento cineclubista remonta ao início do século XX, quando cineastas e apreciadores do cinema começaram a se reunir para assistir e debater filmes. O cineclubismo foi uma reação ao modelo comercial de exibição cinematográfica, buscando criar espaços mais democráticos e participativos para a apreciação cinematográfica. Quando se deu início ao movimento, as principais atividades incluíam a divulgação, pesquisa e debate sobre cinema, contribuindo para a formação de um espectador crítico diante da linguagem fílmica e suas implicações sociais e políticas.

A educação cinematográfica desempenha um papel central nesse processo, oferecendo aos participantes ferramentas para uma análise mais aprofundada da estética, dos aspectos técnicos e do contexto histórico das produções. Com esse objetivo, o Trem Cineclube se dedica a organizar mostras temáticas anuais que sistematizam movimentos e obras essenciais no campo do cinema, proporcionando um olhar estruturado sobre produções que, muitas vezes, aparecem de forma fragmentada em outras referências.

Em 2024, o Trem Cineclube apresenta a mostra “Caminhos da Narrativa”, uma proposta que explora as diferentes formas de construção narrativa no cinema, conforme as categorias estabelecidas por Robert McKee em *Story*. A iniciativa tem como objetivo criar um espaço de reflexão coletiva sobre as estruturas narrativas, destacando sua relevância para a experiência cinematográfica e para a forma como as histórias dialogam com os espectadores.

A análise de narrativas como a arquitrama, de estrutura clássica e linear, a minitrama, que tem o foco em conflitos internos e intimistas, a antitrama, com abordagens fragmentadas e uma versão reduzida das narrativas anteriores, e a multitrrama, onde narrativas paralelas coexistem e se complementam, permite

compreender como as escolhas narrativas moldam os significados e as emoções que emergem das obras cinematográficas. Como afirma McKee, “a boa história é uma organização metódica de significados”, e compreender essa organização é essencial para apreciar a profundidade das narrativas e sua capacidade de ressoar cultural e emocionalmente.

A Mostra Caminhos da Narrativa se configura, assim, como um espaço para a investigação das potencialidades do cinema enquanto arte narrativa. Ao expor os espectadores a diferentes formas de contar histórias, promove-se um olhar mais atento e crítico, incentivando discussões sobre os efeitos e as intenções das escolhas narrativas na construção de sentidos. Em um cenário cinematográfico em constante transformação, entender as possibilidades estruturais do cinema é um passo fundamental para expandir a compreensão sobre sua linguagem e impacto cultural.

## **2 ESCOLHA DOS FILMES**

Dentro da abordagem temática escolhida para a Mostra Caminhos da Narrativa 2024, apresentamos um total de seis filmes, cada um representando uma das principais categorias narrativas delineadas por Robert McKee: arquitrâma, minitrâma, antitrâma e multitrâma. A seleção incluiu obras de diferentes épocas e estilos, como *A Marca da Maldade* (1958), *Os Caçadores da Arca Perdida* (1981), *A Criada* (2016), *Taxi Driver* (1976), *Persona* (1966) e *Relatos Selvagens* (2014). Cada filme foi exibido mensalmente, seguido de discussões semanais que incentivaram análises aprofundadas sobre as escolhas.

Este cronograma permitiu explorar como as diferentes estruturas narrativas moldam a construção dos significados no cinema. A arquitrâma, por exemplo, destacou narrativas tradicionais com protagonistas claros e jornadas lineares, enquanto a minitrâma nos trouxe um mergulho em conflitos psicológicos e subjetivos. Já a antitrâma desafiou a lógica convencional com abordagens fragmentadas, enquanto a multitrâma expandiu as possibilidades narrativas ao apresentar histórias paralelas conectadas por temas ou estilos.

Ao reunir essas obras sob a perspectiva de McKee, proporcionamos aos participantes um espaço de reflexão sobre como a forma narrativa pode ser tão significativa quanto o conteúdo em si. Essa experiência não apenas amplia o

entendimento sobre as estruturas narrativas no cinema, mas também fomenta uma apreciação mais crítica e sensível às diversas formas de contar histórias. Assim, a Mostra Caminhos da Narrativa reafirma o compromisso do Trem Cineclube com a formação de um público atento e engajado, enquanto explora a riqueza da linguagem cinematográfica em suas múltiplas facetas.

### **3 FILMES APRESENTADOS E DISCUSSÕES**

Em suma, muito foi debatido durante os encontros em grupo, que aconteciam na semana seguinte à exibição dos filmes. Dentre eles, destacam-se elementos técnicos como roteiro, linguagem, construção narrativa, ângulos e movimentos de câmera. Paralelamente, o aspecto emocional também desempenhou um papel significativo nas conversas, com os participantes compartilhando cenas preferidas, gostos pessoais, curiosidades e detalhes, além de refletirem sobre a grandiosidade e particularidade das obras.

Os filmes abordados na Mostra Caminhos da Narrativa são exemplos das diferentes estruturas narrativas definidas por Robert McKee. No campo da arquitrama, destacam-se *A Marca da Maldade* (1958), de Orson Welles, um clássico do cinema noir que explora questões de corrupção e moralidade em uma cidade fronteiriça, com uma estrutura linear sólida e um protagonista envolto em dilemas éticos. Ainda nessa categoria, *Os Caçadores da Arca Perdida* (1981), dirigido por Steven Spielberg, redefine a jornada do herói em uma narrativa que combina ação, humor e suspense, entregando uma história bem delineada com início, meio e fim claros. Já *A Criada* (2016), de Park Chan-Wook, adapta a arquitrama para uma abordagem mais contemporânea, com múltiplas camadas e pontos de vista que enriquecem sua complexidade narrativa.

Por sua vez, *Taxi Driver* (1976), de Martin Scorsese, apresenta uma minitrama intimista que mergulha nos conflitos internos de seu protagonista, retratando com profundidade a alienação e o isolamento na Nova York dos anos 70. Na antitrama, *Persona* (1966), de Ingmar Bergman, desafia as convenções narrativas com sua estrutura fragmentada e foco na subjetividade, explorando as complexidades da identidade e da conexão humana. Por fim, *Relatos Selvagens* (2014), de Damián Szifron, exemplifica a multitrama ao interligar histórias

independentes sob o tema das explosões emocionais, utilizando o humor ácido para criar uma narrativa satírica e envolvente.

### 3.1 A MARCA DA MALDADE, 1958

Dirigido e estrelado por Orson Welles, "*A Marca da Maldade*" é um marco do cinema noir que retrata uma investigação policial envolta em corrupção e conflitos morais. Após a explosão de uma bomba na fronteira entre os Estados Unidos e o México, o Capitão Hank Quinlan (Welles) assume o caso com métodos pouco ortodoxos, frequentemente plantando provas para incriminar os suspeitos. Acompanhando a investigação, o detetive mexicano Miguel Vargas (Charlton Heston) se opõe ao estilo manipulador de Quinlan, desencadeando um embate ético entre ambos.

O longa explora temas como justiça, preconceito e moralidade, encapsulados em uma narrativa densa e personagens complexos. Quinlan, longe de ser um vilão unidimensional, é movido por um senso deturpado de justiça, marcado por traumas pessoais e a crença de que os fins justificam os meios. Ao mesmo tempo, a trama coloca em evidência o preconceito contra os mexicanos, reforçado tanto pelas atitudes de Quinlan quanto pelo simbolismo de Los Robles, uma cidade fronteiriça decadente e sombria.

Do ponto de vista técnico, a sequência inicial, um plano-sequência de três minutos que acompanha a bomba no carro do milionário, é uma aula de direção cinematográfica e estabelece o clima de tensão e urgência que permeia toda a narrativa. De acordo com McKee, a arquitetura é caracterizada por uma estrutura clássica em que um protagonista ativo enfrenta forças externas para alcançar seu objetivo. A narrativa se desenvolve de forma linear, em tempo contínuo, dentro de uma realidade causal e consistente, conduzindo a um desfecho fechado e definitivo. *A Marca da Maldade* se enquadra perfeitamente nesse modelo.

O protagonista aqui é Miguel Vargas, cujo desejo central é assegurar que a justiça seja feita sem que se recorra a métodos corruptos. Ele se opõe diretamente a Hank Quinlan, o antagonista, cuja visão de justiça é pautada pela manipulação e pela crença na infalibilidade de sua "intuição". Esse embate de valores leva a narrativa, estabelecendo um conflito claro e direto entre duas forças opostas.

O tempo contínuo da história e a causalidade das ações são evidentes: cada decisão, tanto de Vargas quanto de Quinlan, provoca repercussões que intensificam o conflito. A plantação de provas por Quinlan, por exemplo, não apenas reforça sua posição como vilão complexo, mas também desencadeia a busca de Vargas por evidências que o desacreditem.

Além disso, a consistência da realidade ficcional é mantida por meio da ambientação realista e dos dilemas morais que refletem questões humanas universais. O desfecho do filme é fechado e irreversível: o confronto final entre Quinlan e Vargas culmina na destruição do primeiro, marcando uma transformação definitiva na dinâmica entre os personagens.

A estrutura de arquitrama, portanto, sustenta a narrativa ao destacar a luta moral e ética entre os protagonistas, ancorando o enredo em princípios clássicos de causalidade e resolução. Esse design narrativo, embora clássico, permite que o filme explore nuances psicológicas e dilemas éticos profundos, conferindo à trama uma relevância que transcende o gênero noir. A obra se consolida como um estudo atemporal sobre moralidade e poder, em um filme tecnicamente brilhante e narrativamente envolvente.

### 3.2 OS CAÇADORES DA ARCA PERDIDA, 1981

Lançado em 1981, "*Os Caçadores da Arca Perdida*", dirigido por Steven Spielberg e produzido por George Lucas, tornou-se um marco no cinema de aventura e ação. O filme apresentou ao público o icônico personagem Indiana Jones, interpretado por Harrison Ford, um arqueólogo destemido que enfrenta desafios na busca pela Arca da Aliança, uma relíquia sagrada que possui poderes capazes de tornar invencível aquele que a possuir. Ambientado nos anos 1930, em um cenário global de crescente tensão política e militar, a narrativa mistura história, mitologia e ação, transportando os espectadores para uma experiência imersiva de puro escapismo cinematográfico.

No centro da trama, está uma das marcas registradas do gênero: a arquitrama. Este conceito, discutido por teóricos da narrativa como Robert McKee, refere-se a uma estrutura clássica e linear que guia o espectador por uma trajetória clara e envolvente. A jornada de Indiana Jones é o exemplo perfeito dessa estrutura, um herói habilidoso é chamado para a ação, enfrentando uma série de obstáculos que aumentam o perigo, até alcançar a resolução climática. Ao longo do

caminho, o filme combina momentos de suspense, humor e sequências de ação coreografadas, mantendo o equilíbrio entre entretenimento e tensão.

O filme não só estabeleceu novos padrões técnicos e artísticos para o gênero, como também reforçou a importância da narrativa clássica em um cinema cada vez mais dominado por experimentações e subversões. As cenas de ação sendo coreografadas é um exemplo dos novos padrões técnicos, criando uma sensação de realismo e urgência. Um exemplo clássico é a icônica sequência da perseguição de caminhão no deserto, onde Indiana luta contra vários inimigos enquanto tenta recuperar a Arca. Essa cena, filmada com efeitos práticos e dublês, elevou o nível das cenas de ação no cinema, provando que era possível criar tensão e espetáculo sem depender exclusivamente de efeitos especiais.

Outro aspecto narrativo que conecta o filme às raízes do gênero é a presença da figura feminina como contraponto ao herói. Marion Ravenwood, interpretada por Karen Allen, apresenta um equilíbrio interessante entre a clássica “donzela em perigo” e uma parceira independente. Embora Marion demonstra força e inteligência, sua posição na trama também se alinha à tradição de muitos filmes de aventura da Era de Ouro de Hollywood, onde a mulher é frequentemente sequestrada ou colocada em situações de vulnerabilidade, servindo como motivação extra para o herói, reforçando ainda mais o arquétipo do protetor masculino, proporcionando um contraste entre a ação e momentos de conexão emocional

Ao final do filme, o beijo entre Indiana e Marion funciona como uma espécie de fechamento clássico, simbolizando a recompensa emocional e a restauração da ordem após o caos da aventura. Esses elementos ajudam a reafirmar a natureza intemporal da arquitraba, misturando aventura, perigo e romance em uma estrutura narrativa que, apesar de clássica, foi revitalizada por Spielberg com uma execução técnica e artística que marcou gerações.

### 3.3 A CRIADA, 2016

O filme *"A Criada"* (*The Handmaid*, 2016), dirigido por Park Chan-wook, exemplifica a arquitraba descrita por Robert McKee, empregando uma narrativa clássica marcada pela causalidade clara, protagonista ativa e conflitos externos predominantes. A história é centrada em Sook-hee, cuja participação ativa nos

eventos desencadeia uma trama de enganos e paixões que se desdobra em três atos bem definidos.

A causalidade é evidente: o plano inicial de Sook-hee e do vigarista Conde depende de ações intencionais, mas os eventos tomam direções inesperadas devido ao surgimento do relacionamento de Sook-hee com Lady Hideko. Essa ligação, movida por decisões dos personagens, altera o rumo da história, demonstrando como a narrativa é conduzida pela agência dos protagonistas.

Embora o filme utilize flashbacks e mudanças de perspectiva, sua estrutura temporal é linear, com cada ato oferecendo novas informações que moldam o entendimento dos eventos. A manipulação do tempo e a troca de pontos de vista reforçam os elementos de suspense e complexidade, mas sem perder a organização cronológica predominante, característica da arquitrama.

Os conflitos externos prevalecem, principalmente na figura do tio autoritário de Lady Hideko e nas pressões sociais da época. A opressão patriarcal e os interesses financeiros são forças tangíveis que impulsionam as ações e revelam os segredos sombrios da mansão, ambiente que prevalece na maior parte do filme. A mansão e a relação dos personagens com ela tem grande importância no desenrolar da história. O filme também explora camadas emocionais, enriquecendo a interação entre o conflito externo e as motivações internas dos personagens.

O final de “*A Criada*” oferece uma resolução satisfatória e conclusiva, em que os protagonistas superam os obstáculos impostos pelo ambiente e pelas forças externas, alinhando-se à definição de um final fechado. Park Chan-wook, com maestria, adapta os elementos da arquitrama para uma narrativa visualmente exuberante e emocionalmente impactante, explorando temas de liberdade, desejo e poder com profundidade e precisão técnica.

### 3.4 TAXI DRIVER, 1976

“*Taxi Driver*”, dirigido por Martin Scorsese, é um estudo psicológico sobre Travis Bickle, interpretado por Robert De Niro, um veterano de guerra solitário e perturbado que trabalha como taxista em uma Nova York decadente e opressiva. Travis sofre de insônia crônica e é atormentado por suas experiências no Vietnã e sua inadequação social. Ele testemunha diariamente a deterioração moral da cidade, nutrindo uma crescente aversão ao que percebe como a “sujeira” ao seu

redor. Essa perspectiva o leva a planejar atos violentos como uma forma de purificação social e redenção pessoal.

Ao longo do filme, a alienação de Travis se aprofunda. Ele tenta, sem sucesso, estabelecer conexões humanas, como em seu desajeitado romance com Betsy (Cybill Shepherd), uma voluntária de campanha política. Após ser rejeitado por ela, Travis direciona seu ódio acumulado ao senador Charles Palantine, planejando assassiná-lo. Paralelamente, ele desenvolve uma obsessão por "salvar" Iris (Jodie Foster), uma jovem explorada sexualmente, o que culmina em um ato final de extrema violência.

*"Taxi Driver"* é um marco no cinema. Scorsese usa a cinematografia para capturar o estado mental instável de Travis, com ângulos desconfortáveis, iluminação em tons vermelhos e movimentos de câmera que reforçam a sensação de claustrofobia e paranoia. O filme é um retrato visceral de solidão, frustração e violência, que provoca tanto empatia quanto repulsa pelo protagonista, um homem preso em sua espiral de delírios e ressentimentos.

Este é um exemplo de minitrama, um formato que reduz os elementos do design clássico da Arquitrama para criar uma experiência mais introspectiva e subjetiva. Em vez de um protagonista que age diretamente contra antagonistas externos, Travis Bickle é conduzido por forças internas – sua solidão, trauma e visão distorcida do mundo. A história se concentra em um universo psicológico fragmentado, refletindo a instabilidade emocional do personagem principal, e não segue uma progressão linear típica.

A narrativa rejeita o tradicional "final fechado". Embora Travis seja celebrado como um herói após sua violenta tentativa de salvar Iris, há uma ironia no desfecho. Ele não alcança crescimento ou redenção genuína, ao contrário, permanece preso em seu ciclo de ódio e alienação. Essa falta de transformação significativa é característica da minitrama, onde o arco do personagem é menos sobre mudanças externas e mais sobre uma exploração de seu estado interno.

A abordagem do filme, aprofunda o isolamento do protagonista e nos força a experimentar o mundo através de seus olhos, uma técnica poderosa que desafia as convenções narrativas tradicionais. Todas as características narrativas do filme exploram a linguagem do cinema para entender a psique fragmentada de seu protagonista. Ao abdicar de um enredo linear e de um desfecho convencional, o filme entrega uma experiência narrativa introspectiva e perturbadora.

### 3.5 PERSONA. 1966

“*Persona*”, dirigido por Ingmar Bergman, é um marco do cinema experimental. Sua estrutura inovadora o classifica como uma antitrama, um estilo que rejeita a linearidade, a causalidade e a resolução típica dos roteiros convencionais. Em vez de seguir uma progressão narrativa clara e direta, a obra mergulha em uma densa exploração psicológica e simbólica, desafiando o espectador a decifrar seus múltiplos significados.

O filme abre com uma sequência abstrata e provocativa, composta por imagens fragmentadas: uma lâmpada acendendo, uma aranha rastejando, e uma criança tocando uma tela. Essas cenas não introduzem personagens nem estabelecem conflitos de maneira tradicional. Em vez disso, criam uma atmosfera de estranhamento e antecipação, carregada de simbolismo que ecoa pelos temas do filme: identidade, comunicação e a fragilidade do eu.

Quando a narrativa concreta se desenrola, somos apresentados a Elisabet Vogler, uma atriz que, após sofrer um colapso emocional, entra em completo silêncio, e Alma, a enfermeira responsável por cuidar dela. À primeira vista, a relação entre as duas mulheres parece centrada no cuidado e na recuperação. Contudo, o que se desenvolve vai muito além, transformando-se em uma profunda investigação sobre identidade, dualidade e projeção emocional.

Com essa abordagem, “*Persona*” transcende o formato tradicional do cinema narrativo, oferecendo uma experiência que é ao mesmo tempo instigante e desconcertante. A estrutura fragmentada, a rejeição à causalidade direta e o uso de simbolismo denso colocam o filme como um marco do cinema de vanguarda, convidando o espectador a não apenas assistir, mas também participar ativamente da interpretação da história.

### 3.6 RELATOS SELVAGENS, 2014

O filme “*Relatos Selvagens*”, dirigido por Damián Szifron, destaca-se como um exemplar do cinema argentino contemporâneo, combinando humor, violência estilizada e crítica social em uma estrutura narrativa que o aproxima do conceito de multitrama, conforme definido por Robert McKee. Composto por seis histórias independentes, o longa explora situações do cotidiano que desencadeiam comportamentos extremos, criando um mosaico de emoções e conflitos humanos.

Segundo McKee, a narrativa multitrama é caracterizada por múltiplas estórias que se desenvolvem de forma autônoma, sem que uma trama principal domine. Em vez disso, elas se entrelaçam em torno de um tema unificador, oferecendo uma visão dinâmica de uma sociedade específica. Em *Relatos Selvagens*, esse tema é a irracionalidade humana diante do estresse e da injustiça. Cada episódio apresenta um universo narrativo próprio, com personagens distintos enfrentando desejos e obstáculos que os levam ao limite, compondo um retrato multifacetado das tensões contemporâneas.

As histórias não se conectam diretamente por personagens ou eventos, mas compartilham o mesmo nível hierárquico e uma ideia central: a explosão da fúria humana diante de adversidades. O filme, portanto, utiliza o conflito como motor narrativo. Os protagonistas enfrentam desejos frustrados, seja pela busca de justiça, vingança ou liberdade, e as forças antagônicas, representadas pela burocracia, desigualdade ou traição, geram tensão dramática em cada segmento.

Damián Szifron conduz o longa com uma direção precisa, oferecendo coesão narrativa e mantendo um equilíbrio entre a veia cômica e o tom crítico. Entre os episódios, destacam-se o protagonizado por Ricardo Darín, que enfrenta a opressão burocrática ao tentar reverter um guinchamento irregular, e o último, que transforma uma festa de casamento em um evento caótico e imprevisível, simbolizando a hipocrisia das relações sociais.

Como uma obra multitrama, *“Relatos Selvagens”* exemplifica a definição de McKee ao costurar micro-histórias que refletem aspectos universais do comportamento humano. Ao explorar múltiplos protagonistas e suas trajetórias individuais, o filme constroi um retrato crítico da sociedade contemporânea, ressaltando o impacto de conflitos aparentemente simples, mas que reverberam com profundidade.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

No Trem Cineclube, a análise das estruturas narrativas descritas por Robert McKee em **Story** permitiu uma reflexão aprofundada sobre o papel do cinema como uma linguagem universal e como expressão cultural. Evidenciando sua importância na construção de histórias que transcendem o entretenimento e promovem outros olhares a partir de um ponto de vista. Essa perspectiva reafirma a relevância do

cinema como uma ferramenta crítica para interpretar as complexidades humanas e sociais, ao mesmo tempo em que reforça seu potencial transformador no cotidiano.

O cinema é mais do que uma manifestação artística; é um instrumento que conecta o indivíduo ao coletivo. No dia a dia, as narrativas cinematográficas atuam como pontes que interligam diferentes perspectivas, permitindo ao público compreender melhor a si mesmo e os outros.

Também entendemos que o movimento cineclubista, nesse cenário, se destaca como um elemento essencial na democratização do acesso ao cinema e na criação de um espaço que valoriza o debate crítico. Os cineclubes oferecem um ambiente propício para discussões coletivas, enriquecendo a experiência cinematográfica por meio da troca de ideias e da análise colaborativa. Nesse sentido, o Trem Cineclube assumiu a missão de revitalizar essa prática, aproximando a comunidade acadêmica das possibilidades reflexivas que o cinema proporciona.

A realização da Mostra Caminhos da Narrativa 2024, demonstra a relevância de iniciativas que alinham arte, cultura e educação. Esse esforço não apenas promoveu uma compreensão mais profunda das estruturas narrativas, mas também incentivou uma conexão entre os espectadores e as obras apresentadas, destacando o cinema como um meio poderoso de transformação social. Assim, reafirma-se a importância de cultivar espaços como esse, que permitem o fortalecimento da análise crítica, contribuindo para uma sociedade mais engajada, consciente e criativa.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Pablo Villaça. **A marca da maldade**. Cinema em Cena. Disponível em: <https://www.cinemaemcena.com.br/critica/filme/6898/a-marca-da-maldade>.

ALMEIDA, Pablo Villaça. **Taxi Driver**. Cinema em Cena. Disponível em: <https://www.cinemaemcena.com.br/critica/filme/8293/taxi-driver>.

AVMAKERS. **A construção do personagem segundo Robert McKee**. AvMakers. Disponível em: <https://www.avmakers.com.br/blog/a-construcao-do-personagem-segundo-robert-mc-kee>.

ESTUDOS AUDIOVISUAIS. **Estrutura e gênero**. Estudos Audiovisuais. Disponível em:

<https://estudosaudiovisuais.wordpress.com/wp-content/uploads/2013/06/aula-08-estrutura-e-gc3aanero1.pdf>.

MASCARELLO, Fernando (org.). **História do Cinema Mundial**. Campinas, Papyrus, 2006.

MCKEE, R. **Story: substância, estrutura, estilo e os princípios da escrita de roteiro**. São Paulo: Arte& Letra, 2016.

PLANO CRÍTICO. **Crítica: Relatos Selvagens**. Disponível em:  
<https://www.planocritico.com/critica-relatos-selvagens/>.

TARELHO, W. A. **Cineclubismo como atitude crítica e sua urgência**. Revista do NESEF Filosofia e Ensino. UFPR, p. (98-104), outubro de 2018. Disponível em:  
<https://educacao.ufpr.br/neseef/wp-content/uploads/sites/10/2018/10/Revista-NESEF-jan-jun.-2018-Cineclubismo-como-atitude-cr%C3%ADtica-e-sua-urg%C3%Aancia.pdf>.

WRITERSROOM51. **Tema da narrativa: onde aparece e como articular**.

Disponível em:

<https://www.writersroom51.com/post/tema-da-narrativa-onde-aparece-e-como-articular>.